

Posto Zero

Olhares no parque

VILÉM FLUSSER

Cena: Parque de cidade européia. Tempo: tarde ensolarada. Dramatis personae: burgueses sentados em cadeiras e bancos. Enredo: Gente passa pelos sentados sem ser percebida. Como é isto possível? Assim: O passante aparece no campo da visão do sentado e provoca estas reações: o olhar se desvia e fixa um pardal, ou o olhar atravessa o passante e o torna transparente, ou o olhar se torna vazio e o passante passa por abismo. Há uma quarta variante do tema do aniquilamento: o olhar desprevenido do sentado cruza com o olhar do passante e precipita-se, fulminado, dentro do colo do sentado.

Há vários tipos de olhares. O amoroso que se perde no outro, o cubitoso que envolve o outro, o odioso que penetra o outro, o medroso que espia o outro. São olhares para o outro. E há os olhares surpresos, admiradores, apreciadores, divertidos, interessados, examinadores. São olhares que transformam o outro em coisa. O olhar para o outro reconhece o outro enquanto parceiro. O olhar coisificador procura conhecer o outro para poder utilizá-lo. O olhar do parque aniquila o outro.

Alguns afirmam que os olhares para o outro rareiam atualmente, e que predominam os olhares coisificantes. Isto é explicável. O rápido progresso das ciências do homem, (antropologia, psicologia, economia, sociologia, psicofarmacologia), aumenta nosso conhecimento do homem e dificulta o nosso reconhecimento do homem enquanto outro. Podemos sempre melhor manipular os homens, (pelos meios de comunicação, pelo manejo da economia e política, por drogas), e em consequência conseguimos sempre menos dialogar com os outros. A nossa solidão aumenta, não sabemos mais olhar para o outro.

Mas o olhar do parque é ainda diferente. Aniquila o outro sem necessidade para recorrer a campos de aniquilamento. O sentado no parque não admite que o outro existe, nem sequer como coisa. Contempla o vazio. Está sentado no além da história, no além do humanismo. Quiçá na "plenitude dos tempos". Os parques das cidades europeias são, neste sentido curioso, paraísos. Os sentados neles estão sentados no tempo parado, na eternidade. Cada qual em sua redoma individual, emanando um frio desumano. Esta é a "pós-história", a meta de todo desenvolvimento.

Se, quem passar pelo parque, for brasileiro, dará graças a Deus, (ou a seus vários equivalentes atuais), por ser subdesenvolvido.